



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Dossiê Juventudes e Ensino Médio

Novo ensino médio: experiências e sentidos entre jovens estudantes

New high school: experiences and meanings among young students

Nueva educación secundaria: experiencias y significados entre los jóvenes estudiantes

Maria Carla Corrochano

RESUMO

Em diálogo com os estudos sobre o ensino médio e as múltiplas e desiguais trajetórias juvenis, o artigo analisa o denominado novo ensino médio sob o ponto de vista de jovens estudantes. Fundamenta-se em parte dos resultados de pesquisa qualitativa mais ampla, realizada por meio de grupos de discussão com estudantes de escolas públicas no estado de São Paulo. Os resultados evidenciam os limites do novo modelo, bem como as aproximações e diferenças de percepções entre jovens, especialmente quando considerada a presença ou a ausência do trabalho, ao lado de demandas de suporte para a continuidade dos estudos em nível superior.

Palavras-chave: Jovens; Ensino Médio; Trabalho; Escola.

ABSTRACT

In dialogue with studies on high school education and the multiple and unequal trajectories of young people, this article analyzes the new high school education from the point of view of young students. It is based on part of the results of a broader qualitative study carried out through discussion groups with students from public schools in the state of São Paulo. The results show the limits of the new model, as well as the similarities and differences in perceptions between young people, especially when considering the presence or the absence of work, alongside demands for support to continue their studies at a higher level.

Keywords: Young People; Secondary Education; Work; School.

RESUMEN

En diálogo con los estudios sobre la educación secundaria y las trayectorias múltiples y desiguales de los jóvenes, este artículo analiza la llamada nueva educación secundaria desde el punto de

vista de los jóvenes estudiantes. Se basa en parte de los resultados de un estudio cualitativo más amplio realizado a través de grupos de discusión con alumnos de escuelas públicas del estado de São Paulo. Los resultados muestran los límites del nuevo modelo, y las similitudes y diferencias en las percepciones entre los jóvenes, especialmente cuando se considera la presencia o la ausencia del trabajo, junto con las demandas de apoyo para continuar sus estudios en un nivel superior.

Palabras clave: jóvenes; educación secundaria; trabajo; escuela.

Introdução

Há dez anos um grupo de pesquisadores reuniu-se para a produção de um livro que se tornou uma referência importante nos estudos de juventude, em especial da relação de jovens com o ensino médio (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014)¹. Elaborado para professores e professoras desse nível de ensino, o livro tinha como eixo central um conjunto de reflexões sobre a realidade da juventude brasileira e as múltiplas dimensões de sua condição, a fim de contribuir para o trabalho diário de docentes nas escolas. Seu primeiro texto, uma inspiradora carta da professora Inês Teixeira (2014, p. 13), repleto de “palavras para acordar e de palavras que sabem mais longe”, em alusão ao poeta Bartolomeu Campos de Queirós, era um convite a uma escuta sensível das percepções de jovens sobre a escola. Como ficam e por onde andam as palavras das jovens e dos jovens estudantes? – perguntava-se Inês.

Essa escuta não deve se reduzir a enquetes rápidas e apressadas, construídas e interpretadas a partir de critérios nem sempre muito explícitos, mas deve ser uma escuta que efetivamente dialogue com as pessoas jovens, suas práticas e sentidos atribuídos às suas experiências dentro e fora do espaço escolar – uma escuta que tome como ponto de partida as ações construídas cotidianamente nas escolas por meio das relações estabelecidas

¹O presente artigo é parte dos resultados do projeto de pesquisa: “Itinerários formativos e projetos de vida no novo ensino médio: processos, propostas e sujeitos”, realizado com apoio do CNPq (Processo n. 420356/2022-3), sob coordenação geral de Wivian Weller e minha coordenação no Estado de São Paulo. Também se relaciona com minha participação na mesa-redonda intitulada: “O Ensino Médio em reformas e o direito à educação em risco”, realizada durante a 41ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em outubro de 2023, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Agradeço ao GT03 (Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos), do qual sou parte integrante, e aos GT05 (Estado e Política Educacional) e GT09 (Trabalho e Educação) pelo convite.

entre estudantes, docentes, funcionários, gestores, estes que “reinventam os currículos na prática das escolas e das salas de aula” (ARROYO, 2014, p. 54).

Sem a pretensão de realizar uma análise que represente o conjunto amplo, diverso e desigual de estudantes do ensino médio no Brasil e com atenção aos possíveis riscos de uma “miopia do presente” (MELUCCI, 2001), dado o caráter recente da implementação do denominado novo ensino médio (BRASIL, 2017), o artigo analisa as experiências e percepções de jovens em relação às alterações em processo.

Considerada uma das etapas mais controversas da educação básica, a necessidade de reforma do ensino médio constantemente se apresenta como urgente na agenda pública (KRAWCZYK, 2014; LEÃO, 2018; CORTI, 2019; SILVA; KRAWCZYK, 2023), mas muitas vezes não passa de um “significante vazio” (CORTI, 2019, p. 15), de um “atalho para o passado” (CUNHA, 2017, p. 373) ou de um “reformular para não mudar” (LEÃO, 2018, p. 4).

Para a discussão, o artigo inspira-se tanto em perspectivas que focalizam as limitações das reformas educativas, as quais muitas vezes ignoram a “gramática das escolas” (VIÑAO, 2007, P. 2) ou o “contexto da prática” (MAINARDES, 2006), quanto em aquelas que consideram a relevância do olhar para o modo em que são vividos e significados os desafios estruturais mais amplos que têm lugar na sociedade contemporânea, incluindo aqueles relacionados aos processos de escolarização (DUBET; MARTUCCELLI, 1996; ARAÚJO; MARTUCCELLI, 2015; SPOSITO; ALMEIDA; TARÁBOLA, 2020).

Os dados apresentados têm origem em uma pesquisa mais ampla, que estabeleceu como objetivo central a análise do processo de implementação do denominado novo ensino médio em escolas públicas de diferentes regiões do Brasil, focalizando os itinerários formativos e a disciplina projeto de vida. Ainda que o referido estudo contemple grupos de discussão e entrevistas com estudantes, docentes e gestores, os interlocutores deste artigo serão os jovens estudantes, considerando suas experiências escolares, mas também de trabalho e as expectativas (ou sua ausência) de continuidade dos estudos, diante do novo ensino médio.

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do estado de São Paulo, mais especificamente do município de Sorocaba, e também dialoga com estudos realizados em escolas e em periferias urbanas ao longo da pandemia de covid-19. O olhar a partir de São Paulo pode ser um problema dada a dimensão do nosso país, mas também se apresenta como relevante, uma vez que nas últimas décadas o estado se configurou como uma espécie de “laboratório” do conjunto de reformas implementadas em direção ao ensino médio (CORTI, 2015). Não por acaso, o então secretário da Educação de São Paulo vangloriava-se de o estado ser o primeiro a implementar a reforma, mesmo diante de uma das maiores crises sanitárias vividas nas últimas décadas (REPU, 2022).

O presente artigo é constituído por cinco partes, além desta introdução. Em um primeiro momento recupera-se a relevância do olhar para a diversidade e para as desigualdades que atravessam a condição juvenil no Brasil. Em um segundo momento, discorre-se sobre os questionamentos presentes na literatura sobre o novo ensino médio. A terceira, quarta e quinta partes evidenciam os resultados da pesquisa realizada com jovens estudantes, tanto os que se dedicam exclusivamente aos estudos, quanto os que estudam e trabalham, focalizando brevemente seu perfil, para em seguida evidenciar aproximações e diferenças em relação às percepções sobre o novo ensino médio. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Um ponto de partida: diversidade e desigualdades das trajetórias juvenis

Dar centralidade às percepções juvenis ou considerar a juventude como um relevante foco de observação para análise da reforma do ensino médio (PEREGRINO; PRATA, 2023) exige, em primeiro lugar, reconhecer as especificidades de sujeitos que, para além de estudantes, se encontram em um momento singular do curso da vida. Ainda que esse período seja bastante alargado no Brasil, contemplando pessoas que têm entre 15 e 29 anos, os interlocutores de nossa pesquisa encontravam-se em seu primeiro momento da vida juvenil, com idades entre 15 e 18 anos. Trata-se de um período marcado pela busca por respostas a questões fundamentais da vida individual e coletiva, ao lado de experimentações múltiplas em várias dimensões (FABBRINI; MELUCCI, 1992; ALMEIDA; TARÁBOLA; CORROCHANO, 2022) e muitas

incertezas, ansiedades e medos diante da perspectiva de um longo e contraditório caminho de aprendizagens, reconstruções e instabilidades que se intensificam no atual contexto (PAIS; FERREIRA, 2010).

Os desafios estruturais que todas as pessoas enfrentam na sociedade contemporânea (MARTUCCELLI, 2006), e em particular em países como o Brasil, não são vividos da mesma forma por jovens e adultos. Os jovens entre 15 e 18 anos que estão (ou que deveriam estar) cursando o ensino médio iniciaram seu percurso em direção à vida adulta em um contexto de profundas transformações econômicas, sociais e políticas, enfrentando os efeitos das políticas neoliberais na precariedade de direitos, em particular na educação e no trabalho, agravados diante da pandemia de covid-19 (CORROCHANO; TARÁBOLA, 2023).

Em segundo lugar, é também preciso considerar que as transformações em curso não atingem o conjunto da população juvenil da mesma forma, tendo em vista as desigualdades estruturais de nossa sociedade. As trajetórias juvenis são caracterizadas por significativas diferenças e desigualdades de classe, gênero, cor/raça e local de moradia, dentre outras, que se interseccionam (COLLINS; BILGE, 2021). No olhar para seus percursos, as faixas de idade também se apresentam como significativas. Mesmo que a juventude não se reduza a um segmento etário, como amplamente discutido pela literatura, ter a idade de 15, 24 ou 29 anos implica modos muito diversos de inserção na estrutura social, em especial na relação com a escola, o trabalho e as responsabilidades familiares.

No Brasil, o expressivo e tardio processo de expansão do ensino médio a partir da década de 1990 trouxe para esse nível de ensino um conjunto de jovens de distintos pertencimentos socioeconômicos, em especial das camadas populares, em uma faixa etária cada vez mais próxima daquela definida como ideal para essa etapa da escolarização: 15 a 17 anos (CORTI, 2015). Isso não significa ignorar as trajetórias truncadas (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015), as interrupções e os desafios para que a escolaridade básica alcance

todas as pessoas jovens e adultas em nosso país (HADDAD; SIQUEIRA, 2016)².

Entre os próprios jovens na faixa dos 15 aos 17 anos é também preciso considerar que embora a ampliação da escolarização venha se consolidando, ainda se observam muitos jovens nessa faixa fora da escola, embora os números sejam menores considerando as demais faixas no tempo da juventude. O ensino médio permanece marcado por desigualdades educacionais expressivas, especialmente comparando grupos raciais e de renda domiciliar *per capita*, que voltam a se intensificar diante da ruptura do ciclo econômico positivo, a partir de 2014 (MENEZES; SANTOS, 2023). Soma-se a isso a importância da intersecção dessas desigualdades com o gênero, como há tempos vem sendo apontado por diferentes análises (CARVALHO, 2004; TOLEDO, 2022): são jovens homens, pobres e negros os que apresentam índices mais elevados de evasão. Segundo dados do último Censo Escolar, na faixa etária aqui considerada, enquanto a evasão escolar alcançou um total de 5,9% de jovens, entre os jovens homens esse percentual foi de 7,3% contra 4,5% entre jovens mulheres, e de 6,3% de jovens negros contra 5% de jovens brancos (BRASIL, 2024).

Outro aspecto relevante é a presença ou a ausência do trabalho (CORROCHANO, 2012). Mesmo que desde os anos 2000 evidencie-se uma menor presença do trabalho na vida dos estudantes do ensino médio, em particular daqueles que têm entre 15 e 17 anos (SPOSITO; SANTOS; SILVA, 2017), o trabalho ou sua combinação com os estudos ainda se faz presente entre jovens adolescentes, em particular daqueles oriundos das camadas populares: de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2022, eram 17,8% aqueles que combinavam trabalho e estudos, contra 79% que se dedicavam exclusivamente aos estudos nessa faixa de idade. É também relevante não ignorar aqueles, e sobretudo aquelas, que estavam tanto fora da escola quanto do trabalho remunerado nessa faixa de idade (2,7%), em muitos casos dedicando-se ao trabalho doméstico e ao cuidado de outras pessoas. Nesse segmento etário, a qualidade do trabalho

² Segundo dados recentemente divulgados pelo Censo Escolar, o Brasil tem 68.036.300 pessoas sem educação básica e acima dos 18 anos, evidenciando a persistência da negação do direito à educação para parcela expressiva da população brasileira (BRASIL, 2024).

também é importante: em geral os que trabalham o fazem em condições bastante precárias e sem nenhum tipo de proteção, dado o limitado alcance dos contratos de aprendizagem (BRASIL, 2022; CORROCHANO; ABRAMO, H.; ABRAMO, L., 2017).

Em síntese, os jovens do ensino médio são marcados pelas especificidades de um determinado percurso de vida cujos desafios se desdobram considerando as múltiplas diferenças e desigualdades a que estão sujeitos. Ao mesmo tempo, para além de sua condição estudantil, podem viver experiências no mundo do trabalho, ao lado da assunção de responsabilidades familiares.

Qual seria o modelo de ensino médio capaz de responder aos desafios vividos pelos segmentos juvenis, em suas múltiplas e diversas trajetórias, considerando os percursos cada vez menos fixos e lineares em direção à vida adulta? (PAIS, 2001).

Novo ensino médio?

Ao lado de sua expansão tardia e morosa, há grande consenso sobre as controvérsias e disputas que marcam o ensino médio (SILVA; KRAWCZYK, 2023). Uma das principais tensões, tanto aqui quanto em vários países do mundo, diz respeito à sua identidade: formar para a inserção no mercado de trabalho ou ofertar uma formação geral para cidadania ou ingresso no ensino superior? Retomo essa questão tanto porque ela volta a ganhar centralidade no contexto do novo ensino médio, quanto pelas percepções trazidas pelos jovens no campo da pesquisa. Foram várias as reformas, marcadas por avanços e retrocessos em direção a um ensino médio de caráter mais democrático, garantindo o direito à formação geral para todas as pessoas (KRAWCZYK, 2014).

As primeiras análises sobre o novo ensino médio, ainda no contexto da proposta de Medida Provisória n. 746/2016, remetiam a uma possível volta para o passado na medida em que a proposta de mudança da estrutura e currículo aproximava-se da Lei n. 5.692/1971, que instituiu a profissionalização compulsória, com foco no mercado de trabalho e função principal, ainda que

não manifesta, de conter a demanda pelo ensino superior. A redução da carga horária destinada à formação básica geral, em favor da oferta de itinerários formativos – linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e sociais aplicadas –, além do itinerário de formação técnica e profissional, significariam, uma vez mais, a contenção do acesso de jovens das camadas populares ao ensino superior, diante da crise instalada nesse segmento, em especial no setor privado, ao lado dos cortes orçamentários desde 2014 (CUNHA, 2017).

No entanto, o principal argumento apresentado, tanto pelo governo quanto por fundações e institutos empresariais, dentre outros atores que apoiavam a proposta, era tornar o ensino médio mais atrativo para os estudantes. Flexibilidade e liberdade de escolha eram palavras que ganhavam espaço nas campanhas publicitárias do novo modelo. A falácia da liberdade de escolha foi objeto de várias análises: diante da precariedade material das escolas e da ausência de professores para a oferta de um amplo e heterogêneo conjunto de componentes curriculares, raras escolas tinham efetivamente condições de garantir alguma escolha aos jovens (GOULART; CASSIO, 2021).

Problematizando o novo ensino médio a partir da relação entre juventude e escolarização, estudo de Silva e Krawczyk (2023), realizado por meio da análise de propostas curriculares implementadas em dezesseis unidades da Federação, evidencia que longe de responder às demandas juvenis por outra escola, os currículos construídos avançariam em direção a uma formação fragmentada e aligeirada. Os novos formatos de oferta, tais como a educação à distância e a possibilidade de parcerias com instituições privadas, em especial quando considerada a oferta do itinerário de formação profissional, estariam precarizando ainda mais a oferta desta última modalidade.

Outro aspecto bastante criticado pelas análises relaciona-se à diversidade de disciplinas eletivas implementadas, inclusive com nomenclaturas muito variadas, na perspectiva de atrair os jovens, ao lado da disciplina projeto de vida. Uma delas, presente em quase todos os currículos e especialmente no currículo de São Paulo, é a disciplina empreendedorismo, o que parece estar em consonância com as novas configurações do trabalho, em

um contexto de precariedade, redução de direitos e responsabilização dos indivíduos por seus sucessos e fracassos. Um novo tipo de personalidade e de competências socioemocionais teriam, assim, um lugar na escola (KRAWCZYK; ZAN, 2021; CATINI, 2020; TOMMASI; CORROCHANO, 2020).

Os profundos questionamentos em torno do novo modelo de ensino médio no campo acadêmico, mas também entre movimentos e organizações, inclusive estudantis (MORAES *et al.*, 2022; COSTA; GROppo, 2018), se não resultaram em sua revogação, contribuíram para a realização de significativas mudanças na Lei n. 13.415/2017 por meio de um novo projeto encaminhado ao Congresso pelo Governo Federal. No entanto, em um contexto de significativas disputas, a lei sancionada em 31 de julho de 2024 (Lei n. 14.925/2024), revogou apenas em parte a lei anterior.

Por fim e não menos relevante, é fundamental considerar que as críticas à proposta nem de longe significam o desconhecimento dos desafios e da necessidade de mudanças no ensino médio. Desde a chegada de um público mais heterogêneo a esse nível de ensino um conjunto de pesquisadores tem acentuado vários de seus problemas: desde o ponto de vista material, considerando uma expansão que se realizou sob bases muito precárias, passando pela ausência de professores e desvalorização do trabalho docente, até os diferentes sentidos e relações dos jovens com a escola.

No último caso, pesquisas no campo dos estudos sociológicos e antropológicos da educação trataram de evidenciar os desencontros entre as expectativas juvenis e a escola, ao lado da demanda por outra escola, sem que isso significasse a desvalorização da instituição escolar (SPOSITO, 2005). O foco no interior dos espaços escolares permitiu a observação de diferentes sentidos da experiência (DUBET; MARTUCCELLI, 1996), além dos ruídos, conflitos e “zoeiras” produzidas (PEREIRA, 2016, p. 13). Muitos dos termos desse debate estão presentes nos currículos e documentos do novo ensino médio, nem sempre no sentido e na direção ali construídos.

Boa parte das análises em torno do novo ensino médio tem se concentrado em estudos de cunho documental, inclusive pelo caráter recente de sua implementação. Nesse sentido, pareceu-nos relevante uma

investigação mais aprofundada para o modo como essas alterações são vividas e percebidas pelos próprios estudantes. Desde o clássico artigo de Antonio Candido sobre a estrutura da escola (CANDIDO, 1978), sabe-se que o conhecimento da realidade escolar não pode prescindir do diálogo entre o que vem de fora e as dinâmicas internas de cada escola, sua sociabilidade e as relações sociais estabelecidas na instituição, dentre as quais as relações com as gerações mais jovens, objeto próprio da sociologia da educação. Será esse o nosso próximo passo.

A pesquisa e os jovens interlocutores

A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada a partir de observações nas escolas e grupos de discussão. Ainda que guardem algumas semelhanças em relação aos grupos focais, os grupos de discussão diferenciam-se destes últimos tanto no que se relaciona ao papel do pesquisador quanto em relação aos objetivos que pretende alcançar. Nessa perspectiva, a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas resultado das interações coletivas realizadas.

Muito embora a equipe de pesquisa tenha construído um roteiro prévio de questões para os grupos, além da aplicação de um formulário sociodemográfico ao final, não houve rigidez na introdução das perguntas, na medida em que, em consonância com o método, o pesquisador busca intervir o mínimo possível, evitando perguntar “o quê?” ou “por que...?”, mas sim o “como?”, na perspectiva de fomentar discussões. Ou seja, trata-se de provocar “reflexão e narração de determinadas experiências e não somente a descrição de fatos”, tendo como principal objetivo a obtenção de dados que permitam a análise do contexto social dos interlocutores e de suas “visões de mundo ou representações coletivas” (WELLER, 2006, p. 56).

Foram realizados sete grupos de discussão em duas escolas públicas de tempo integral, uma localizada em área central do município de Sorocaba e outra em área considerada “periférica”. Embora a dimensão territorial seja relevante para a pesquisa mais ampla, bem como para análise das desigualdades educacionais (ERNICA, RODRIGUES, 2020), nos limites deste artigo não serão aprofundadas. Cada grupo contou com a participação de

quatro a cinco jovens, o que permitiu o alcance de um total de 32 estudantes ao longo do ano de 2023.

Em termos etários, os jovens que participaram dos grupos tinham entre 15 e 18 anos, aproximando-se da faixa de idade relativa ao ensino médio no Brasil. Metade deles cursava o segundo ano, e a outra metade, o terceiro. Houve uma presença apenas ligeiramente maior de jovens que se identificaram com o gênero masculino (dezessete jovens), em relação ao gênero feminino (quinze jovens), e nenhum identificou-se como não binário. Embora a maior parte tenha se afirmado heterossexual (24 jovens), dois jovens informaram ser homossexuais e três bissexuais, além de três que preferiram não responder à questão. Em termos de cor/raça, predominaram jovens identificados como brancos (dezoito jovens), mas a presença dos que se declararam negros foi expressiva (catorze jovens). Apenas uma jovem declarou morar com companheiro e ter um filho e a maior parte morava com ambos os genitores, com uma presença relevante de jovens que moravam apenas com a mãe (treze jovens).

Não foi possível obter dados sobre a renda familiar, mas os níveis de escolaridade dos pais e sobretudo das mães, junto com as ocupações exercidas, revelaram algumas diferenças: uma parte dos genitores havia completado o ensino médio e alcançado o ensino superior, enquanto outra parte possuía apenas o ensino fundamental e o médio incompleto. Do mesmo modo, do ponto de vista das ocupações, havia um conjunto de mães ocupadas no trabalho doméstico remunerado e sem registro em carteira, enquanto outra parte inseria-se em ocupações mais protegidas, seja no setor de serviços, seja na indústria. Considerando esse breve perfil sociodemográfico, observa-se que, embora todos pertencessem a camadas populares, há diferenças, o que ficou mais evidente na relação estabelecida com o trabalho.

Há algum tempo análises de caráter longitudinal têm permitido perceber que estudar e trabalhar não são categorias estanques, mas situações que podem ser mais breves ou mais extensas e voltar a ocorrer mais de uma vez ao longo das trajetórias juvenis, além de variar nas diferentes etapas de escolarização (GUIMARÃES; ALVES; COMIN, 2020; ABRAMO, VENTURI,

CORROCHANO, 2020). Quando participaram dos grupos de discussão, dez jovens combinavam trabalho e estudos, enquanto a maior parte dedicava-se exclusivamente aos estudos (22 jovens), muito embora ao menos metade deles tivera alguma experiência de trabalho em outros momentos da trajetória. Dentre os que trabalhavam no momento da pesquisa, apenas um o fazia de maneira protegida, com registro em carteira.

Na análise dos grupos de discussão observaram-se muitos pontos de encontro entre as percepções sobre o novo ensino médio, em especial aquele realizado em escolas de tempo integral nas quais estavam matriculados, ao mesmo tempo que algumas variações e nuances emergiram, sobretudo entre os que realizavam o ensino médio trabalhando e os que conseguiam, com maior suporte familiar, manterem-se afastados das atividades remuneradas.

O encontro e os desencontros com o novo ensino médio

Um ano antes da realização dos grupos de discussão, já acompanhávamos o processo de implementação da reforma no contexto de outra pesquisa. Havia, entre os estudantes, expectativas de que mudanças positivas fossem introduzidas. Ainda que para uma parte predominasse uma participação desconfiada (MARTUCCELLI, 2015), houve, em todos os grupos, falas destacando a perspectiva de que algo mudaria para melhor. As palestras e vídeos a que assistiram nas escolas, bem como a propaganda na mídia, parecem ter contribuído para essa percepção. A possibilidade de escolha foi destacada, mas como será visto adiante, rapidamente problematizada. O ponto de maior concordância, no entanto, era em relação à possibilidade de que algum tipo de mudança – desejada por todos – pudesse acontecer na escola.

Aos poucos, um conjunto de dificuldades e a ausência de suportes – objetivos e subjetivos (MARTUCCELLI, 2002) – para enfrentá-las provocaram vários questionamentos em relação às expectativas iniciais. Nos diversos grupos apontaram-se os profundos limites da “liberdade de escolha” – seja por itinerários, seja por disciplinas eletivas –, como já evidenciado por várias análises, mas também a ausência de orientação ou de alguma mediação do mundo adulto, em especial dos adultos da escola, sobre os caminhos a seguir. Na contramão da oferta de um mapa de possibilidades, esses jovens se viram

diante de ofertas dispersas e desconectadas, obrigando-se a seguir, de maneira solitária e com escassos recursos, algum caminho para sua formação.

Se no momento inicial da vida juvenil o apoio à experimentação é relevante, vários desses jovens sentiram exatamente o oposto. Mostraram-se frustrados quando perceberam que não seria possível cursar disciplinas que lhes interessavam de outros itinerários ou mudar de rota no meio do percurso.

Entre todos os sujeitos investigados, fossem unicamente estudantes, fossem estudantes e trabalhadores, o olhar para os itinerários era muito semelhante. Mesmo quando tiveram chances de alguma escolha, não queriam ficar “presos” em uma única área em um momento da vida que consideravam essencialmente de abertura e não de estreitamento de possibilidades.

Do mesmo modo, ressentiam-se da redução da carga de disciplinas de formação básica. Isso nem de longe significava que não tinham críticas a algumas disciplinas e docentes, mas enfatizavam que não queriam ter negada a possibilidade de uma formação mais sólida, especialmente entre aqueles que tinham mais expectativas de acesso ao ensino superior.

Aos poucos, as reais mudanças ficam evidentes e a realidade da implementação acaba por provocar um afastamento expressivo em relação às expectativas iniciais para o conjunto deles, trabalhadores ou não, mas com nuances diferenciadas entre ambos.

Jovens estudantes

Entre os sujeitos da pesquisa que naquele momento dedicavam-se exclusivamente aos estudos (22 jovens), havia expectativas de que tanto os itinerários formativos quanto a disciplina projeto de vida pudessem contribuir para a preparação e para a construção de caminhos a seguir após o término do ensino médio, especialmente em relação ao ensino superior.

De fato, nos últimos anos, o acesso ao ensino superior experimentou um movimento substancial de expansão, seja em função das políticas de inclusão e equidade – como reserva de vagas em instituições públicas – seja por meio de bolsas de estudos para estabelecimentos privados, com efeitos concretos nas realidades e nos projetos de uma parcela de jovens das camadas

populares (SENKEVICS, 2021; TARÁBOLA, 2016). Mas como provoca Adriano Senkevics (2021, p. 33), “onde há luz, há sombra” – e muitos desses jovens parecem saber dessas sombras: do mesmo modo que existem maiores chances de ingresso, há também chances em ficar do lado de fora.

Quando percebem que a maior flexibilidade de horários e de diferentes disciplinas aconteceria em detrimento de uma formação geral sólida, passam a questionar ainda mais os caminhos do novo ensino médio. Em todos os grupos, esse momento da discussão foi o mais prolongado, com falas detalhadas, e os jovens apresentaram nomenclaturas e conteúdo de disciplinas que lhes pareciam sem sentido e utilidade. Uma das estudantes questionava: “agora à tarde eu tenho aulas para montar aplicativos; eles pensam que jovens gostam de montar aplicativos, mas eu não quero aprender a montar aplicativo. O Enem vai pedir para eu montar um aplicativo?”

Esses jovens pareciam saber aquilo que a literatura acadêmica tem tornado evidente: para jovens das camadas populares as oportunidades de ingresso no ensino superior, mesmo no contexto de ações afirmativas e sobretudo a partir dele, dependem, de maneira muito significativa, de suas notas nos diferentes exames (SENKEVICS, 2021). É preciso uma escola que lhes permita acessar os conteúdos necessários para isso.

A centralidade que o desejo de ingresso no ensino superior tem em suas vidas fazia com que buscassem inúmeras estratégias para conseguir estudar para o Enem e para os vestibulares, diante da ausência de apoio na própria escola.

Nos grupos que conduzimos, alguns jovens relataram, ainda que de modo envergonhado diante dos colegas, que suas famílias estavam pagando cursinhos privados. Poucos conseguiam acessar cursinhos populares, a despeito do aumento da presença dessa modalidade no contexto da expansão do ensino superior. Vários informaram o desejo em conseguir acessá-los, outros estudavam pelo YouTube. Em alguns casos, o apoio da escola vinha de iniciativa pontuais de alguns docentes que driblavam conteúdos previstos para incluir aqueles voltados à formação geral e/ou realizavam grupos de estudo com estudantes. O abandono ou a evasão da escola não apareciam como uma questão para esses jovens, muito embora reconhecessem o problema entre alguns colegas.

Também não houve, entre eles, a escolha pelo itinerário de formação profissional, ainda que estivesse disponível em suas escolas. Além de considerarem a oferta muito limitada e precária, a centralidade de seu interesse era por uma formação geral sólida que permitisse, nas palavras de uma das jovens, “que os docentes apresentassem aquilo que efetivamente sabem e para o qual foram formados”.

Jovens estudantes e trabalhadores

Ainda que a pesquisa tenha sido realizada em escolas públicas de tempo integral, foi possível observar a presença de jovens que também se dedicavam ao trabalho, além da escola. Cabe dizer que os jovens aqui compreendidos como estudantes e trabalhadores assim o foram porque possuíam múltiplas experiências de trabalho e de busca por trabalho. Eram jovens que, diante da necessidade ou do desejo de trabalhar para a conquista de autonomia e independência financeira em relação a suas famílias, buscavam ou já estavam inseridos em ocupações diversas, marcadas por muita precariedade, ao mesmo tempo que prosseguiam os estudos. Era preciso realizar um trabalho que coubesse na escola, ou melhor dizendo, na escola de tempo integral.

“Parece que a intenção é que a gente saia daqui para virar motorista de Uber.” Foi assim que um dos jovens que combinava os estudos com o trabalho como recriador concluiu sua percepção sobre a experiência no novo ensino médio. Não são poucas as análises que têm evidenciado as relações entre a atual reforma do ensino médio e transformações do trabalho. Como reconhecem Lima e Oliveira (2021, p. 910), em um contexto de elevado desemprego, flexibilização das relações de trabalho e de perda de direitos, a implementação de uma agenda neoliberal no Brasil teve na “disseminação da ideia-força do ‘empreendedorismo’ (e conteúdos discursivos associados) um necessário e estratégico recurso de legitimação social”.

Ainda que ser “motorista de Uber” guarde diferenças em relação ao empreendedorismo, especialmente em função da mediação das plataformas de aplicativos (ABILIO, 2020), essas duas atividades eram muitas vezes

colocadas lado a lado nos grupos. Em ambos os casos se tratava de problematizar o tipo de formação, ao lado das perspectivas de tempo presente e futuro oferecidas pela escola, e especialmente pelo novo modelo de ensino médio.

A intenção de acessar o ensino superior é reiterada por esse grupo de jovens, mas nesse caso a ênfase recai sobre a necessidade de escapar dos precários trabalhos que realizam ou que eles podem alcançar ao final da educação básica.

Entre os jovens que trabalham ou buscam trabalho há outras questões. Há tempos sabemos que o trabalho tem múltiplos sentidos para jovens – uma parcela expressiva dos que trabalham e cursam o médio o fazem por necessidade, pois precisam apoiar suas famílias, mas também há jovens que trabalham para a construção de sua autonomia – não apenas em função das demandas de uma sociedade de consumo, mas também pelo desejo por alguma independência em relação à família de origem, com recursos para vivenciar a própria experiência juvenil (CORROCHANO, 2012).

Pesquisas têm evidenciado os expressivos esforços que muitas famílias das camadas populares fazem para que os jovens cursem a educação básica sem trabalhar (MENEZES; SANTOS, 2023), mas há também outras combinações possíveis, tais como a autorização para a realização de certos tipos de trabalho que supostamente não atrapalhem os estudos, priorizando a escolarização. Isso não significa negar o fato de muitas famílias seguirem sem poder prescindir do trabalho dos jovens em virtude da necessidade de renda ou porque, sem o trabalho, seus filhos não conseguiriam cursar o próprio ensino médio.

Entre os jovens trabalhadores que alcançamos observou-se a criação de estratégias para combinar estudos e trabalho diante do aumento da carga horária, notadamente nas escolas de tempo integral. Nesse caso, intensifica-se a realização de trabalho aos finais de semana ou no período noturno, incluindo madrugadas.

É reconhecido que o capital não tem mais hora nem espaço delimitados para a exploração do trabalho. A necessidade de articular trabalho e estudos para parcela dos que estão no ensino médio não é nova, mas a questão que se apresenta é que além de ela parecer não se resolver com a implementação do

novo ensino médio, sobretudo nas escolas de tempo integral, a atual proposta parece abrir margem para que esses jovens se insiram em trabalhos ainda mais precários e em horários que podem trazer significativos prejuízos para sua saúde física e mental (LEANDRO, SOBRINHO, ABRAMO, 2023).

Nos grupos realizados, muitos dos estudantes que não estavam conseguindo encontrar um trabalho que pudesse ser combinado com a escola viam-se entre duas alternativas que não deveriam ser excludentes nesse momento do percurso de vida: “O que faço agora? Trabalho ou estudo?”. O aumento da carga horária, ao lado do expressivo fechamento de vagas em escolas noturnas, tornava ainda mais desafiadora a continuidade do seu processo de escolarização (REPU, 2024)

Esses jovens também desejavam acessar o ensino superior. Mas como, diante de um contexto como o apresentado por eles? A perspectiva parece estar sendo empurrada para cada vez mais longe. No momento da pesquisa, a prioridade era ao menos conseguir terminar o ensino médio.

A disciplina sobre projeto de vida foi destacada por todos, tanto pelos que conseguiam se dedicar exclusivamente à escola, quanto por aqueles que combinavam trabalho e estudos. Como condensar em uma disciplina chamada “projeto de vida” os projetos de uma vida em uma sociedade cada vez mais marcada pela incerteza, provisoriedade e instabilidade? (COLOMBO, REBUGHINI, 2022).

Não se tem aqui a pretensão de generalizar o que está ocorrendo nas escolas pesquisadas, mas pontos importantes foram mencionados. De modo geral, a disciplina projeto de vida parece mais ser uma disciplina para “conformar-se com a vida”. Como há algum tempo reconhecia Castel (1998), é preciso problematizar a obrigação de construção de projetos dentre os que mais deveriam ter suportes nesse momento, em vez de eles serem individualmente responsabilizados pela construção de suas trajetórias.

Por fim, cabe dizer que tanto jovens estudantes quanto jovens estudantes e trabalhadores fazem muitas críticas ao que está sendo realizado não apenas com eles e elas, mas também com seus professores e professoras. Especificamente em relação à filosofia e à sociologia, um dos

jovens questionou: “eu acho, eu tenho certeza de que preciso e precisarei desses conhecimentos para minha vida, para minha inserção e compreensão do mundo”. Não é, portanto, apenas com ensino superior e com trabalho que se preocupam – é também com sua inserção no mundo como cidadãos ou cidadãs.

Considerações finais

Os resultados da análise corroboram os questionamentos em torno desse novo modelo de ensino médio, tal como presentes em extensa literatura dedicada ao tema, desde sua imposição como medida provisória, em um contexto de precariedade de direitos (CUNHA, 2017; FERRETTI; SILVA, 2017; LEÃO, 2018; CORTI, 2019; KRAWCZYK; ZAN, 2022; REPU, 2022; SILVA; KRAWCZYK, 2023).

Ao mesmo tempo, também apresenta, entre jovens, práticas e modos diversos de vivenciar e significar a proposta, sobretudo quando consideradas as realidades daqueles que, no momento da pesquisa, se dedicavam exclusivamente aos estudos e de jovens que combinavam trabalho e estudos. Isso porque refletir sobre o novo ensino médio é também considerar a negação do direito à educação de jovens que trabalham, ou a imposição de formas de inserção precárias ou por meio do empreendedorismo, que se fortalece como saída estruturante no contexto da perda de direitos no trabalho.

Para todos e todas, a demanda por um ensino médio de qualidade, com uma formação básica sólida e respeito aos conhecimentos específicos de seus docentes, caminha lado a lado e de modo bastante expressivo com a demanda pelo acesso ao ensino superior. A recente expansão deste último nível de ensino produziu, entre esses jovens, um conjunto de aspirações que, embora não tenham sido eliminadas (SPOSITO; SANTOS; SILVA, 2017), já dão sinais de reversão diante das dificuldades para concretizá-las. Se não podemos afirmar que o modelo de novo ensino médio é o único responsável por isso, tampouco se pode ignorar sua responsabilidade.

Os efeitos das alterações produzidas pela nova lei (Lei n. 14.925/2024), recentemente sancionada, ainda são difíceis de prever, mas já provocam controvérsias e críticas, considerando que muitas das demandas apresentadas por estudantes e docentes não foram contempladas, diante de um contexto de

profundas disputas em torno dos rumos do ensino médio no Brasil. O Governo Federal também lançou um programa de incentivo financeiro e educacional com o objetivo de promover a permanência e a conclusão de estudantes no ensino médio: o Programa Pé de Meia. É inegável a importância do apoio financeiro para que jovens, em especial das camadas populares, concluam essa etapa da escolarização, a despeito dos possíveis questionamentos em torno de seus modos de implementação. Entretanto, assim como uma reforma curricular é insuficiente para alterar a realidade escolar (VIÑAO, 2007), e mais ainda do ensino médio (SILVA, KRAWCZYK, 2023), esse tipo de incentivo precisa ser combinado com um olhar mais aprofundado para as múltiplas, complexas e desiguais trajetórias juvenis, ao lado do enfrentamento dos problemas estruturais desse nível de ensino.

Por fim, voltando às indagações de Inês Teixeira, uma escuta sensível das jovens gerações não pode prescindir do entendimento dos conflitos que se apresentam e se renovam no processo de consolidação do direito à educação, dentre outros, seja para as “juventudes”, seja para o conjunto da população brasileira.

Referências

ABILIO, Ludmilla C. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos Cebrap*, São Paulo, v.39, n.3, pp.579-597, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/nec/a/zwB63zdGw9nNzqPrS7wFsMN/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ABRAMO, Helena; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo para uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos estudos Cebrap*, São Paulo, v.39, n.3, pp.523-42, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/nec/a/HffJZGdxz6Z36cqybFwQ5nH/?format=pdf>>. Acesso em: 20 mar.2021.

ALMEIDA, E.; TARÁBOLA, Felipe; CORROCHANO, M.C. The participation of youths-students in secondary schools: learning, generational relations, and political inventiveness. *Foro de Educación*, v. 20, n. 1, pp. 88-107, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://www.forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/viewFile/931/499>. Acesso em: 04 jan. 2024.

ARAÚJO; Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. La escuela y la cuestión del mérito: reflexiones desde la experiencia chilena. *Educação e Pesquisa*, v.41, n. especial, pp.1503-18, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/RQTWHGVTGX6v8MskqX4xNDK/?format=pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

ARROYO, Miguel. Repensar o ensino médio: por quê? *In*: DAYRELL, Juarez.; CARRANO, Paulo.; MAIA, Carla (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. pp.53-74.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm?msckid=99fb7879d0c211ec91a329a85274182b>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Microdados* [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2022. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaquas_PNAD_continua/>. Acesso em 05 jan.2024.

BRASIL. *Censo Escolar 2023: divulgação de resultados*. Brasília: Inep/ Diretoria de Estatísticas Educacionais, 2024.

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. *In*: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. *Educação e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. pp.107-28.

CARRANO, Paulo; MARINHO, Andrea; OLIVEIRA, Viviane. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, v.41, p.1439-54, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/P9xX7fLyt8MSgLVmcGK4ft/>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, v.22, pp.247-90, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/qRmTmwBC9b7KPyYkWFv5YXG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATINI, C. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. *Revista USP*, n.127, pp.53-68, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180045>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COLOMBO, E.; REBUGHINI, P. Danser seul (e)s: la jeunesse entre individualisation, individualisme, singularité, auto-entrepreneuriat et nouvelles formes de sociation. *Sciences et Actions Sociales*, n.18, pp.1-14, 2022.

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge/Oxford/Boston/New York: Polity, 2020.

CORROCHANO, Maria Carla; TARÁBOLA, Felipe S. Neoliberalismo, trabalho e pandemia: enfrentamento de jovens nas periferias. *Educação e Sociedade*, v.44, e.e274390, p.1-19, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/zZ7PKKTLRGxmvGBWQfrx8DB/?format=pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

CORROCHANO, Maria Carla; ABRAMO, Helena; ABRAMO, Laís. A tematização do trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limites. *Revista Latinoamericana de Estudos do Trabalho*, v.36, pp.41-58, 2017. Disponível em: <<http://alast.info/relet/index.php/relet/article/view/289>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

CORROCHANO, Maria Carla. *O trabalho e a sua ausência: narrativas juvenis na metrópole*. São Paulo: FAPESP, Anablume, 2012.

CORTI, Ana Paula. *À deriva: um estudo sobre a expansão do ensino médio no estado de São Paulo (1991-2003)*. 2015. 321p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CORTI, Ana Paula. Política e significantes vazios: uma análise da reforma do ensino médio de 2017. *Educação em Revista*, v.35, n.1, pp.1-20, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/sg3HGWqjwdRD5sk5v3Kc5sb/#>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COSTA, Adriana; GROppo, Luis Antonio (Orgs.). *O movimento de ocupações estudantis no Brasil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

CUNHA, Luís Antônio. Ensino médio: atalho para o passado. *Educação e Sociedade*, v.38, n.139, pp.373-84, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/sRgNLFXFPBvWCYggFhcBmYm/>>. Acesso em: 4 fev.2019.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (Org). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUBET, François, MARTUCCELLI, Danilo. *A l'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil, 1996.

FABBRINI, Antonio; MELUCCI, Alberto. *L'età dell'oro*: adolescenti tra sogno ed esperienza. Milano: Feltrinelli, 1992.

ERNICA, M.; RODRIGUES, E. C. Desigualdades educacionais em metrópoles: território, nível socioeconômico, raça e gênero. *Educação e Sociedade*, v.41, e.228514, p.1-19, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/GVtXJSMqhnxtcpMkz69Vqk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 fev.2024.

FERRETTI, Celso. SILVA, Monica. Reforma do ensino médio no contexto da medida provisória no 746/2016: Estado, currículo e disputas por hegemonia. *Educação e Sociedade*, v.38, n.139, p.385-404, abr./jun., 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/LkC9k3GXWjMW3FTtfSsKTq/>>. Acesso em: 5 de jan. 2022.

GOULART, Débora; CÁSSIO, Fernando. A farsa do ensino médio self-service. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 12 ago. 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-farsa-do-ensino-medioself-service>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; BRITO, Murillo Marschner Alves; COMIN, Álvaro. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão eludir as desigualdades?”. *Novos Estudos Cebrap*, vol. 39, n. 3, pp. 475-498, set-dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/cZtJm4FXwFjq4Wfk4JsQkhN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 dez.2022.

HADDAD, Sérgio.; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v.1, n.2, 31 dez. 2016. Disponível em: <<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla. (Orgs). *Juventude e ensino médio*: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, pp. 75-100.

KRAWCZYK, Nora; ZAN, Dirce. Resiliência ou resistência: um dilema social pós-pandemia. *Universidad, formación, políticas y prácticas*, Florianópolis, v.15, n.1, p.106-28, 2021.

KRAWCZYK, Nora; ZAN, Dirce (Orgs.). *A reforma do ensino médio em São Paulo*: a continuidade do projeto neoliberal. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

LEANDRO, Bianca.; SOBRINHO, André; ABRAMO, H. *Panorama da situação de saúde de jovens brasileiros (2016-2022)*: intersecções entre juventude, saúde e trabalho. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2023. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-revela-do-que-adoecem-e-morrem-os-jovens-brasileiros-0>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

LEÃO, Geraldo. O que os jovens podem esperar da reforma do ensino médio brasileiro? *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n.34, e.177494, p.1-23, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/5ZBJkFDW3d6pL9KVFcFCQHx/>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

LIMA, Jacob.; OLIVEIRA, Roberto. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. *Contemporânea*. v. 11, n. 3 p. 905-932, set-dez. 2021. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1062/481>>. Acesso em 04 fev. 2023.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.27, n.94, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/NGFTXWNtTvXyTcQHCJFyhsJ/>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MARTUCCELLI, Danilo. *Grammaires de l'individu*. Paris: Gallimard, 2002.

MARTUCCELLI, Danilo. *Forgé par l'épreuve: l'individu dans la France contemporaine*. Paris: Armand Colin, 2006.

MARTUCCELLI, Danilo. La partecipazione con riserva: al di qua tema della critica. *Quaderni di Teoria Sociale*, [S. l.], v.1, 2015.

MELUCCI, A. *A invenção do presente*. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENEZES, Vitor. M. O. de; SANTOS, Raquel. S. dos. Juventude, educação e trabalho no Brasil (2012-2022). *Tempo Social*, [S. l.], v.35, n.3, p.137-60, 2023. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2023.215306. Disponível em: <<https://www.journals.usp.br/ts/article/view/215306>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscoites: jovens, trabalho e futuro*. Porto: AMBAR, 2001.

PAIS, José M.; FERREIRA, Vitor. S. (Org.). *Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

PEREIRA, Alexandre B. *A maior zoeira na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2016.

PEREGRINO, Mônica; PRATA, Juliana. Juventude como mirante dos fenômenos sociais e a reforma do ensino médio – o que se vê quando se olha de um outro lugar? *Revista Brasileira de Educação*, v.28, e.280052, 2023. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/m7RWL4Mj8RxFGkv3fwZ35tx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE [REPU]. *Redução na oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do ensino noturno na rede estadual de São Paulo, 2020-2023* [Nota Técnica]. São Paulo: REPU, 23 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.repu.com.br/notas-tecnicas>> Acesso em: 04 ago.2024.

REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE [REPU]. *Novo ensino médio e indução de desigualdades escolares na rede estadual de São Paulo* [Nota Técnica]. São Paulo: REPU, 2 jun. 2022. Disponível em: <www.repu.com.br/notas-tecnicas>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SENKEVICS, Adriano S. *O acesso ao inverso: desigualdades à sombra da expansão do ensino superior brasileiro, 1991-2020*. 2021. 437p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, Mônica R.; KRAWCZYK, Nora. Juventudes, novo ensino médio e itinerários formativos: o que propõem os currículos das redes estaduais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.49, e.271803, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/JFWYthKGr3PzwN7QsqhfMqs/https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271803por>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. pp.120-45.

SPOSITO, Marília P.; ALMEIDA, Elmir; TARÁBOLA, Felipe. Jovens do ensino médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional. *Estudos Avançados, [S. l.]*, v.34, n.99, p.313-32, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173434>>. Acesso em: 1º fev. 2024.

SPOSITO, Marília P.; SANTOS, Raquel; SILVA, Fernanda A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa, [S.l.]*, v.44, p.1-24, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/cdSt3xCththpDM9rwbrNGVg/>>. Acesso em: jan. 2018.

TARÁBOLA, Felipe S. *Aspirantes: desafios de estudantes da USP egressos de escolas públicas no contexto do novo tensionamento político-social brasileiro*. 2016. 424 p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estudos Avançados*,

São Paulo, Brasil, v. 34, n. 99, p. 353–371, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173439>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TEIXEIRA, Inês. Uma carta, um convite. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (Orgs). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. pp.11-42.

TOLEDO, Cinthia Torres. *Da frente ao fundão da sala de aula: masculinidades e envolvimento escolar na periferia de São Paulo*. 195f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

VIÑAO, Antonio. Culturas escolares y reformas (sobre la naturaleza histórica de los sistemas e instituciones educativas). *Revista Teías, [S. l.]*, v.1, n.2, p.1-25, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23855>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7c6QvcWJc6pX6xwgxYVLFKv/>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

Recebido em: 04/01/2024.

Aceito em: 16/07/2024.

Maria Carla Corrochano

Cientista social, mestre e doutora em Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo. Professora Associada III do Departamento de Ciências Humanas e Educação e docente permanente dos programas de Pós-Graduação em Educação e em Estudos da Condição Humanas da Universidade Federal de São Carlos/Campus Sorocaba. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Gerações e Temas Contemporâneos (JuvGTC), vinculado ao CNPq. Áreas de interesse: sociologia da educação, sociologia da juventude, sociologia do trabalho e da vida econômica.

 mcarla@ufscar.br

 <http://lattes.cnpq.br/7714353975585252>

 <https://orcid.org/0000-0001-8030-6461>